WR
WEG EM REVISTA
Ano VII
Julho/Agosto 2007
47

As lições do PAN

Atletas do Pan-Americano mostram que o equilíbrio também é fundamental para as conquistas no esporte e na vida pessoal e profissional

A corrida da BOLSA

Bons resultados: Mercado de ações exige equilíbrio e pensamento de longo prazo

PERCIO LIMA

> "A Bolsa se abre, não é mais cassino e, se é ciência, cada vez é menos oculta."

Alidor Lueders
Diretor Administrativo
e de Relações com Investidores

Por um equilíbrio dinâmico

Para quem não vivia o dia-a-dia do mercado financeiro, a cena que víamos no jornal noturno parecia coisa de malucos: homens vestidos em cores vivas, gritando e gesticulando como possuídos, à beira de chegar às vias de fato. Este era o antigo pregão da Bolsa de Valores de São Paulo. Como era possível que se entendessem?

Esta imagem perturbadora confirmava a opinião do senso comum sobre o mercado de ações: uma mistura de cassino com ciência oculta, privilégio de iniciados. Poucos eram os que se aventuravam por este ambiente exótico, e menos ainda os que conseguiam bons resultados.

Este espetáculo dos operadores aos berros não existe mais. Foi substituído pela negociação eletrônica das ações há alguns anos. Sinal dos tempos.

No final do mês de junho estivemos na Bovespa para o evento comemorativo da adesão da WEG ao Novo Mercado *(veja os detalhes nesta edição)*, no recinto onde antigamente acontecia o pregão viva-voz, mas agora transformado em um magnífico espaço para educação e disseminação de conhecimento sobre o mercado de capitais. Diariamente, a cada hora, centenas de alunos de escolas públicas e particulares, de São Paulo e arredores, conhecem este espaço e se familiarizam com o mercado de ações. Infelizmente essas cenas não aparecem nos noticiários. Outro sinal dos tempos.

Naturalmente que a descoberta da Bolsa de Valores pelos poupadores brasileiros não foi causada pelo final do pregão viva voz. Este desapareceu porque os volumes negociados hoje pela Bovespa são grandes demais para serem realizados por um sistema tão pouco eficiente como o grito. Mas não deixa de ser significativo: saem os operadores estressados, entram as crianças e os adolescentes curiosos. A Bolsa se abre, não é mais cassino e, se é ciência, cada vez é menos oculta. O brasileiro está se apaixonando pelo mercado de ações, naquilo que nosso amigo Raymundo Magliano Filho, presidente da Bovespa e um dos grandes responsáveis por esta mudança, chama de "Revolução Silenciosa".

Uma excelente notícia para o Brasil. O mercado é o melhor instrumento jamais inventado para alocar capitais nas mãos mais competentes para fazê-lo render e se reproduzir. Um mercado de capitais forte é condição necessária para o desenvolvimento do país.

Ao mesmo tempo, aumentam as responsabilidades de todos os participantes deste mercado. Quem convive há mais tempo com esse ambiente sabe que já tivemos várias oportunidades de ver o mercado de capitais ensaiando esta mudança de patamar antes, e que elas foram perdidas principalmente pela miopia dos envolvidos. Devemos todos, empresas emissoras, investidores, reguladores e Bolsa, nos esforçar para, desta vez, encontrar o ponto de equilíbrio entre a atratividade de curto e de longo prazo. Se conseguirmos todos atingir este equilíbrio, o país só tem a ganhar.

A WEG tem o compromisso sempre com a construção de relacionamentos de longo prazo baseados na boa fé. Isso se reflete em nosso relacionamento com o público investidor e é a base do equilíbrio dinâmico que buscamos em todas as áreas da companhia.

4 Otimismo impulsiona a Bolsa de Valores
9 O pensamento de João Bosco Lodi
10 WEG adere ao Novo Mercado
13 Nuno Cobra em sintonia
14 Atletas ensinam lições de equilíbrio
16 Fornecimentos para os Jogos Pan-Americanos
19 Entre o investimento e a constância

E-MAIL E-MAIL E-MAIL E-MAIL E-MAIL E-MAIL E-MAIL

Ficamos parceiros da WEG há cerca de 5 anos, especificamente no segmento de tintas em pó. E temos sido atendidos de forma extremamente competente, respeitosa e profissional, apesar de nosso pequeno volume de compra. Lembro de meu espanto, seguido de confesso orgulho, quando me cientifiquei, anos atrás, de que a WEG não era uma empresa estrangeira, mas, ao contrário, uma empresa genuinamente nacional, fundada por três técnicos empreendedores!

WEG em Revista é um instrumento poderoso de valorização do empreendedorismo brasileiro, uma vez que dissemina os ideais e exemplos extremamente positivos desta grande empresa fundada e dirigida por brasileiros. Sentimo-nos orgulhosos em ser parceiros da WEG!

Rock J. Campos - *Diretor Comercial da Newfabri Indústria e Comércio de Produtos Eletromecânicos Ltda. – Sorocaba/SP*

Você, leitor da* WEG em Revista*, pode participar com sugestões, críticas e opiniões. Fale do que gostou, aponte o que pode melhorar, diga quais assuntos você gostaria que a revista abordasse. É só mandar um e-mail para revista@weg.net. Todas as cartas publicadas ganham uma exclusiva caneta da WEG.

WEG em Revista é uma publicação da WEG. Av. Prefeito Waldemar Grubba, 3300, (47) 3372-4000, CEP 89 256-900, Jaraguá do Sul, SC. www.weg.net, revista@weg.net. Conselho Editorial: Jaime Richter (diretor de Marketing e RH), Paulo Donizeti (gerente de Marketing), Edson Ewald (chefe de Marketing), Cristina Teresa Santos (jornalista responsável) e Caio Mandolesi (analista de Marketing). Edição: EDM Logos Comunicação (47) 3433-0666. Textos: Deise Rosa e Roberto Szabunia. Foto da capa: Peninha Machado. As matérias da **WEG em Revista** podem ser reproduzidas à vontade, citando a fonte e o autor. Filiada à Aberje.

A nova cara da Bolsa

A Bolsa de Valores ainda vai invadir a sua praia. Talvez até literalmente... Capas de revistas, reportagens de TV, ou conversas do *happy hour* não faltam sobre o tema, e uma campanha da Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo) já leva o tema para qualquer lugar.

Cada vez mais, o assunto é voga entre pessoas comuns, que buscam no mercado de capitais a formação de um patrimônio a longo prazo. Se antes você a associava à eterna montanha-russa, lugar de fortes emoções, talvez deva trocar essa imagem por outra.

O novo tipo de investidor enfrenta a corrida dos números como um maratonista: com a perspectiva da longa distância. Os dois dosam a busca do melhor rendimento com a prudência para evitar excessos e exercitam a paciência, disciplina e perseverança. Para ambos, uma palavra é fundamental: equilíbrio.

Mas será possível falar em equilíbrio quando se trata de Bolsa de Valores? É o que a reportagem da *WEG em Revista* pesquisou. E descobriu que, nesta maratona, o equilíbrio precisa estar, antes de tudo, nos nervos e mentes dos investidores.

A Bovespa em boa fase

O mercado de ações no Brasil vive um momento único em sua história, aproximando-se cada vez mais do que são as Bolsas de Valores em países desenvolvidos: fonte de financiamento para empresas e opção de investimento a longo prazo para a população. O sinal mais evidente destes novos tempos é a evolução do Índice Bovespa (Ibovespa), que atingiu o recorde de 55.932 pontos em 5 de julho, o 27º do ano. Este número é o termômetro do mercado de ações: acompanha a evolução de preços dos principais papéis negociados na Bovespa, vem crescendo desde 2003 e a previsão é que continue subindo, o que significa otimismo no longo prazo.

Mas não foi só o Índice Bovespa que evoluiu: entre 2004 e junho de 2007, 69 empresas entraram no mercado de ações, por meio de IPOs (Initial Public Offering, ou Oferta Pública Inicial), segundo dados da Bovespa. A estimativa, de acordo com profissionais ligados ao mercado, é de que em torno de 20 empresas façam novos IPOs até o fim do ano, quase a mesma quantidade no ano passado inteiro. Só até 22 de junho haviam sido 27.

Ainda em junho, o valor de mercado das 367 empresas que hoje negociam ações na Bovespa rompeu a marca de 2 trilhões de reais pela primeira vez na história do mercado brasileiro. O valor equivale a 86,9%% do PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil de 2006, semelhante à relação Bolsa/PIB existente no mercado europeu. Em maio, foram realizados em média cerca de 130 mil negócios por dia, que movimentaram diariamente R$ 4 bilhões. Há três anos, o volume financeiro diário era um quinto disso.

O total de investidores pessoa física aumentou de 85 mil em 2002 para quase 245 mil atualmente. Ainda é pouco, pois representa apenas 0,2% da população adulta do país (nos EUA são 18%), mas é sinal de que a Bolsa tem se tornado mais atraente como opção de investimento para as pessoas comuns.

- 367 empresas na Bolsa
- US$ 1 trilhão
- 84% do PIB

O principal, e melhor, resultado desse aquecimento do mercado de ações é mais empresas com capital para investir, já que um dos principais objetivos de uma companhia, ao iniciar a venda de ações em Bolsa, é obter recursos para financiar seu crescimento. Em vez de pedir empréstimo aos bancos e pagar juros, ela vende ações e cada comprador se torna sócio. A empresa cresce, gera empregos e renda e o acionista ganha com a valorização das ações.

Em 2006, as empresas captaram cerca de R$ 120 bilhões em emissões de ações, debêntures e outros instrumentos financeiros. Os empréstimos concedidos pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) totalizaram R$ 52 bilhões, ou seja, menos da metade.

"O objetivo da Bolsa é aproximar quem tem recursos de quem precisa deles. E o mercado faz com que os recursos cheguem aos empreendimentos que são os mais produtivos, que têm mais potencial", afirma Pablo Sandler, PhD e diretor financeiro da M. Abuhab Participações S.A.

O mercado ainda espera que o Ibovespa avance mais. "A expectativa é de chegar aos 60.000 pontos neste ano. É óbvio que uma crise, interna ou externa, poderá afetar negativamente", diz Adolir Albino Rossi, diretor de operações da Corretora Manchester.

Bons fundamentos

Por trás dos números da Bolsa no Brasil há fundamentos, fazendo com que a atual boa fase do mercado de ações esteja equilibrada sobre bases sólidas.

Um dos fatores positivos do momento é que a economia mundial vai bem, com previsão de crescimento de cerca de 5% em 2007, segundo relatório do FMI (Fundo Monetário Internacional) de abril. Parte destes recursos é atraída para as Bolsas de Valores de países emergentes, como Brasil e China. Na Bovespa, os investidores estrangeiros vêm liderando a movimentação financeira, com 34,14% do total negociado em maio.

Outro fator que tem atraído investimentos estrangeiros é a percepção de que a economia brasileira tem bons índices conjunturais. Desde 1995 o Brasil vive com uma taxa de inflação controlada. A balança comercial (diferença entre exportações e importações) está positiva em US$ 46 bilhões. E o risco Brasil chegou aos 145 pontos dia 5 de junho, um número bem abaixo dos 382 pontos do fim de 2004. Quanto mais baixo o risco Brasil, mais perto o país está de obter o *investment grade* (grau de investimento), um selo das agências internacionais de classificação de risco para países que demonstram capacidade de pagamento de dívidas.

A Bolsa de Valores de São Paulo é a segunda que mais cresce entre os países emergentes, perdendo apenas para a Bolsa de Xangai, na China

DIVULGAÇÃO

Prédio da Bovespa

"O risco Brasil é um termômetro do país no mercado internacional, e quanto mais ganhamos credibilidade lá fora, mais investidores estrangeiros estarão dispostos a aplicar no mercado financeiro doméstico", afirma Lucy Souza, presidente da divisão paulista da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec-SP).

Outro fator importante é que o investimento em Bolsa tem se tornado mais popular no Brasil, fruto de dois movimentos: o programa de popularização da Bovespa e a queda dos juros que, apesar de ainda altos, diminuíram as possibilidades de ganho em renda fixa e poupança, o que tem levado muitas pessoas a buscar maior retorno na Bolsa.

"Estamos muito no começo ainda, mas a pista está pavimentada. Há pelo menos 10 a 15 anos de trabalho pela frente, com relação às contas públicas, austeridade fiscal, educação, geração de renda e combate à corrupção", diz Henrique Bastos, diretor secretário do Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (IBRI).

"A popularização da Bolsa significa que mais pessoas irão participar dos bons resultados que as empresas têm alcançado", diz Théo Rodrigues, do INI.

Mais investidores, mais segurança

A popularização da Bolsa de Valores traz um benefício extra, que é a redução da volatilidade (sobe-e-desce dos preços). "Quando tem mais gente no mercado de ações, os picos de compra e venda não ficam tão extremos. O risco de não encontrar quem compre (as ações que você quer vender) é menor", explica Lucas Brendler, analista de investimentos da corretora Geração Futuro.

O mercado de ações no Brasil ainda precisa evoluir bastante. Mas, hoje, as pessoas físicas já representam 24,42% das aplicações realizadas na Bovespa (dados de maio). Em 1997, esse percentual era de 9,7%.

Grande parte deste novo cenário se deve ao intenso trabalho de aproximação com o público realizado pela Bolsa de Valores de São Paulo com o programa "Bovespa Vai Até Você", iniciado em setembro de 2002. A bordo de uma frota de oito vans, batizadas de Bovmóvel, ele leva orientações sobre investimento em ações a pessoas comuns em shoppings, clubes, portas de fábricas, universidades, teatros e até na praia (com a campanha "Bovespa Vai à Praia").

Uma das grandes ferramentas de popularização são os clubes de investimentos, formados por grupos de pessoas que se reúnem para investir em ações. Eles são geridos pelas corretoras, e permitem fazer aplicações a partir de R$ 100,00 por mês. Só em maio foram listados 80 novos clubes de investimento na Bovespa.

DIVULGAÇÃO

Campanha "Bovespa Vai à Praia"

PERCIO LIMA

O futuro da Bolsa

O presidente da Bovespa, Raymundo Magliano Filho, avalia o atual momento e diz o que pensa do futuro da Bolsa no Brasil.

É possível falar em equilíbrio quando se fala de Bolsa de Valores?

A Bolsa de Valores é um investimento de renda variável, sujeito às oscilações do mercado. Entretanto, vários estudos mostram que, no longo prazo, aplicações em renda variável apresentam taxas de rentabilidade maiores que outros investimentos. O que nós, da Bovespa, fazemos questão de esclarecer é que se o investidor está pensando no futuro, o mercado de ações é, sim, uma atraente alternativa. Com conhecimento, estudo, análise das empresas listadas e o auxílio de uma boa corretora de valores, o investidor tem grandes chances de fazer boas aplicações.

Como o senhor avalia o momento que a Bovespa vive atualmente, com sucessivos recordes de pontos?

A Bovespa está vivendo um ótimo momento. Todos esses sucessivos recordes do Ibovespa são reflexos, em parte, da grande liquidez internacional. Há hoje, no mundo, um volume gigantesco de recursos em busca de bons projetos. É preciso ressaltar que nós fizemos a nossa lição de casa e nos preparamos para esse momento. Investimos em tecnologia, em transparência, em controle de riscos e em processos. O resultado é a confiança do investidor, que faz a Bovespa ser o maior e o principal centro de negociação de ações da América Latina.

Sua gestão na Bovespa é marcada pela preocupação com a popularização do investimento em Bolsa. Quais os próximos passos nesta direção?

Temos duas direções. A primeira é a educação financeira. Descobrimos que não adianta nada falar de investimento para quem não está com a vida financeira organi-

DIVULGAÇÃO

Evento do programa Mulheres em Ação

Mulheres e jovens

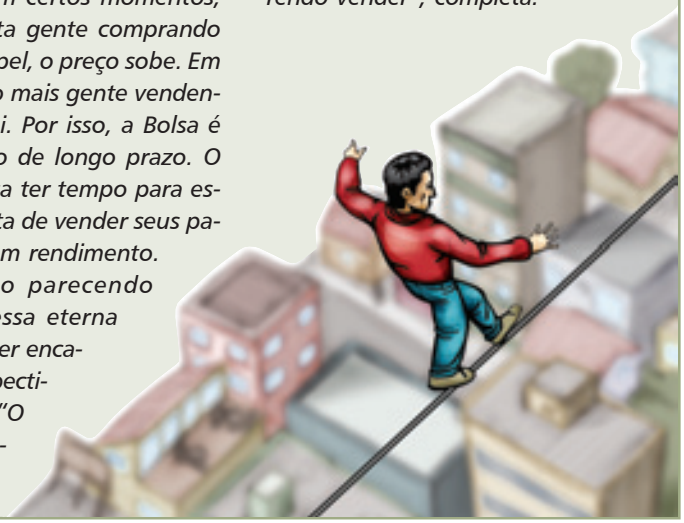
O perfil dos investidores pessoa física também caminha para novos equilíbrios, com a ampliação da participação de mulheres e jovens. É o que se vê com a criação de programas como o Mulheres em Ação e a organização não governamental Ação Jovem do Mercado Financeiro e de Capitais.

- As mulheres correspondiam a 17,63% dos investidores em 2002. Hoje são 21,95%.
- Os jovens até 30 anos já correspondem a 43,2% do total de investidores.

Preços: a eterna busca de novos equilíbrios

O que mais assusta na Bolsa de Valores é o sobe-desce dos preços das ações. Num dia você compra 10 ações por R$ 100,00. No dia seguinte, suas mesmas dez ações podem valer R$ 80,00 ou R$ 120,00. É assim mesmo, o preço é regulado pela lei da oferta e da procura. Em certos momentos, quando há muita gente comprando determinado papel, o preço sobe. Em outros, há muito mais gente vendendo e o preço cai. Por isso, a Bolsa é um investimento de longo prazo. O investidor precisa ter tempo para esperar a hora certa de vender seus papéis com um bom rendimento.

Mas, mesmo parecendo contraditório, essa eterna oscilação pode ser encarada sob a perspectiva do equilíbrio. "O fato de haver oscilações no preço das ações significa um movimento constante de busca de novos equilíbrios", explica Henrique Bastos, do IBRI. "A própria realização de um negócio (de compra e venda de ações) é o encontro de um ponto de equilíbrio, entre alguém querendo comprar e alguém querendo vender", completa.



zada. Para isso criamos, no ano passado, o programa Educar, que dá cursos e seminários sobre educação financeira e os tipos de investimento disponíveis. Outra preocupação é com o futuro do planeta, com a responsabilidade socioambiental. Pensando nisso, lançamos a Bolsa de Valores Sociais e Ambientais (BVS&A). É uma iniciativa pioneira de captação de recursos para projetos sociais e ambientais realizados por organizações não-governamentais brasileiras. Por meio do site www.bovespasocial.org.br as pessoas podem acessar uma lista de projetos e fazer a doação. A Bovespa se encarrega de repassar esses recursos, sem custo algum, e fiscaliza o trabalho das ONGs.

Qual o papel do Novo Mercado no crescimento da Bolsa de Valores?

É fundamental. Como disse antes, nós nos preparamos para esse bom momento. Entre as medidas, destaco a criação do Novo Mercado, que é o segmento máximo de governança corporativa da Bovespa. É um ambiente de listagem no qual as companhias abertas aceitam, voluntariamente, seguir padrões de transparência e respeito ao acionista bem acima dos impostos pela legislação. É por tudo isso que o Novo Mercado é tido hoje pelo Banco Mundial como um modelo de governança corporativa a ser seguido por outros países e por outros mercados.

O brasileiro está mudando o seu perfil, que sempre foi o da preferência pela poupança?

Sim, essa é uma mudança cultural que está em curso. Com a estabilização da economia, o controle da inflação e a queda gradual das taxas de juro, o brasileiro está descobrindo a renda variável. Muitos jovens, donas-de-casa, estudantes e executivos já perceberam que a formação de uma poupança para a aposentadoria é algo fundamental nos dias de hoje.

Como o sr. vê, ou gostaria de ver, o cenário do mercado de ações no Brasil daqui a dez anos?

O meu sonho é que o mercado de capitais brasileiro amplie a sua presença tanto entre o investidor individual quanto entre o empresário. Não existe economia forte sem uma Bolsa de Valores forte.

No exterior, a primeira coisa que muitos pais fazem para os filhos é comprar ações. Aqui no Brasil, muitos ainda preferem abrir uma caderneta de poupança para os recém-nascidos. Essa mentalidade, ainda bem, está mudando.

Os empresários brasileiros já descobriram as vantagens de usar a Bolsa de Valores como fonte de captação de recursos. O futuro do nosso desenvolvimento, você verá, está no crescimento do mercado de capitais.

É momento de investir?

Para quem pensa em investir ou já é investidor, a orientação dos analistas é pensar no longo prazo. "Quem investe pensando no longo prazo vai avaliar os fundamentos da empresa. Vai investir no negócio, se tornar sócio, acreditando no desempenho no futuro", explica Lucas Brendler, da Geração Futuro. Assim como o maratonista, o investidor de longo prazo se preocupa mais com a disciplina do que com as apostas. "A partir da hora em que se tem uma cultura de investimentos, todo momento é de entrar na Bolsa. Se tenho a disciplina de investir todo mês, no fim das contas vou formar um preço médio, que a cada período vai mudar a minha rentabilidade. Dá mais retorno do que ficar tentando avaliar a hora de entrar e sair", acrescenta.

Outra orientação é pesquisar muito e ter os pés no chão na hora de tomar decisões. "No momento atual, com a TV, todo mundo falando de Bolsa de Valores, as pessoas ficam enlouquecidas. É bom colocar o pé no chão e fazer com cuidado, pois os preços atingidos, em alguns casos, estão exuberantes", diz Pablo Sandler.

Equilíbrio

Se a oscilação dos preços das ações faz parte da própria natureza da Bolsa de Valores, ela não é bem-vinda quando o assunto é a relação entre pequenos e grandes investidores. Neste quesito, quanto mais equilíbrio, melhor. O mais importante passo nesta direção foi dado em 2000, pela Bovespa, com a criação dos Níveis Diferenciados de Governança Corporativa: Nível 1, Nível 2 e Novo Mercado. A cada nível, as exigências com relação à transparência de informações divulgadas pelas empresas e eqüidade de direitos entre acionistas são maiores.

Uma empresa que adere ao Novo Mercado, por exemplo, só pode emitir ações ordinárias, em que todos os acionistas têm direito a voto. E caso a empresa seja vendida, deve estender a todos os acionistas as mesmas condições de preço obtidas pelos controladores. "O Novo Mercado trouxe muito mais transparência na gestão das empresas e respeito e segurança ao investidor minoritário, o que tem dado maior tranqüilidade na hora de investir", afirma Carlos Alberto de Souza Barros, presidente da ONG Ação Jovem do Mercado Financeiro e de Capitais.

No final de maio deste ano, as 119 empresas que atualmente integram os Níveis Diferenciados representaram 66,29% da quantidade de negócios no mercado à vista.

DEISE ROZA

Um entusiasta do mercado

Marcelo Müller tem apenas 30 anos e já contabiliza que, se quiser, daqui a sete anos pode começar a viver de renda, mantendo o mesmo padrão de vida que tem hoje, graças ao investimento no mercado de ações. Formado em Economia e representante comercial da Baumann Aços, ele investe na Bolsa de Valores há 12 anos. Conta que, na época, pesquisou o desempenho de diversos investimentos, entre poupança, fundos DI e ações. "Analisei o desempenho de uma determinada carteira de ações desde a fundação da Bovespa. E vi que, não importa a crise, a Bolsa vai oscilando, mas vai subindo, porque a economia cresce", afirma. E acrescenta que isso acontece no longo prazo. "Tem que pensar de cinco anos para a frente", diz.

Na época, Müller buscou uma corretora autorizada pela Bovespa e entrou num clube de investimentos. Depois que adquiriu mais experiência com o mercado, criou sua própria carteira de ações, que administra por meio da corretora. E ressalta que investe um pouco todo mês. Além disso, reinveste os dividendos. "O dividendo é que engrossa o caldo", ilustra. Ao investir, se preocupa com a solidez da empresa e a liquidez do papel. "Olho muito para as estratégias da empresa e o perfil do seu presidente", explica.

LUÍS MACHADO

Marcelo investe em WEG, Petrobras, Vale do Rio Doce, Aracruz, Datasul, Schulz, Tupy e Gerdau

naWEG + No site da WEG você encontra links para ter mais informações sobre dicas de investimento, mulheres e jovens na Bovespa e um glossário, além de uma entrevista exclusiva com o comentarista da Globo News George Vidor. Acesse www.weg.net, clique em WEG EM REVISTA

Mestre em sucessão familiar

Pioneiro na área de consultoria empresarial no Brasil, João Bosco Lodi escreveu mais de 20 livros sobre diversos temas ligados à área, e verdadeiros clássicos na área de gestão familiar, como "A Ética na Empresa Familiar" e "A Empresa Familiar". Formado em Filosofia pela Universidade de Roma e Universidade de São Paulo (USP), com pós-graduação em Administração de Empresas pela FGV, atuou como consultor nas áreas de organização e reestruturação de grupos empresariais, dentre eles a WEG, a primeira empresa familiar não restrita a apenas um fundador, mas sim três, com a qual trabalhou. João Bosco Lodi faleceu no dia 23 de agosto de 2003, aos 67 anos. A entrevista a seguir é baseada em artigos escritos por Lodi, disponíveis no site www.lodiassociados.com.br, *do Grupo Lodi Consultoria, especialista em sucessão familiar, da família de João Bosco Lodi.*

O que os países emergentes precisam fazer para atrair investidores?

Investidores institucionais dos países de economia avançada como os Estados Unidos devem investir cada vez mais fora de seu mercado doméstico, devido à saturação dos mercados de capital nesses países. Mas os países emergentes que desejam atrair estes investimentos concorrendo com outras nações precisam adotar práticas para seduzir e proteger os investidores.

O senhor afirma que a governança corporativa dá confiança aos investidores. Poderia explicar melhor?

Claro. Apesar dos excessos cometidos pelos fundos de *hedge* e pelos bancos de investimentos, países necessitados de capital precisam aceitar as normas de transparência contábil, probidade administrativa, prestação de contas, reformas econômicas e bancárias para atrair de novo os capitais que fugiram. A resposta para esses problemas está na adoção dos Códigos de Melhores Praticas de Governança Corporativa. A Governança Corporativa é uma idéia capital e de extrema atualidade. Sem a seriedade necessária, nosso país dificilmente aumentará a sua credibilidade no cenário internacional.

Conflitos de herança e disputas societárias são freqüentes em empresas familiares. É possível reverter esse quadro?

As famílias agem como clãs e têm formas próprias de controlar as empresas familiares, quando comparadas com as empresas abertas profissionalizadas, como são as grandes corporações dos Estados Unidos e Europa. Esses controles são mais baseados em tradições, quando falamos de grandes famílias de segunda ou mais gerações. Para mudar, a família precisa elaborar um plano de sucessão ligado ao planejamento de sucessão. Isso implica em três decisões: os critérios para selecionar um sucessor, os papéis que os demais terão dentro e fora da empresa e o plano de aposentadoria ou de mudança de papel para o líder que se retira. Como essas difíceis decisões podem levar a desacordos, é importante definir um processo formal de decisão sobre busca de aconselhamento profissional, seleção de consultores, conduta em caso de litígio, formas de mediação e arbitragem.

Quais as principais características que devem ser levadas em conta na escolha de um sucessor?

A competência do sucessor inclui o desempenho educacional, em que se desenvolvem qualidades como conhecimento, capacidades, receptividade à inovação, habilidade para resolver problemas. A experiência com a empresa familiar capacita o sucessor a desenvolver relações pessoais dentro da firma, compreender a sua cultura e todas as implicações do negócio. Mas a experiência externa combinada com a interna ajuda o sucessor a desenvolver uma identidade e se preparar para um grande leque de problemas que poderão surgir. Uma lista de atributos desejáveis no sucessor inclui: habilidade financeira, capacidade de marketing e vendas, visão estratégica, capacidade técnica, habilidade para tomada de decisão e relacionamento interpessoal.

No contexto dos públicos da organização, qual o papel dos conselheiros?

No passado o conselheiro tinha a sua lealdade definida pela valorização do capital dos acionistas. Mas agora a sociedade civil tem demandas não só do acionista investidor, mas dos stakeholders, ou seja, dos empregados, fornecedores, credores, clientes e dos residentes no local das fábricas.

O melhor para o acio

Em junho, a WEG ingressou no nível mais alto de transparência e governança corporativa da Bolsa de Valores de São Paulo, com a entrada, no dia 22, no Novo Mercado. Com isso, ela se une a outras 68 empresas que cumprem regras de governança mais exigentes do que a legislação brasileira.

Semanas antes, a empresa havia sido reconhecida como a melhor para o acionista em rentabilidade no ranking Agência Estado Empresas, elaborado pela consultoria Economática. A consultoria analisou os papéis das 124 principais companhias com ações listadas na Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo). A pesquisa revelou que as ações da WEG valorizaram 108,3% no ano passado, ou seja, três vezes mais do que o Ibovespa (que acompanha o desempenho das cerca de 60 ações mais negociadas). E mostrou ainda que a rentabilidade das ações da companhia tem sido, em média, de 26% ao ano acima da inflação nos últimos dez anos.

FOTOS PERCIO LIMA

Os executivos da WEG Nildemar Secches, presidente do Conselho de Administração; Alidor Lue administrativo financeiro; e Décio da Silva, presidente executivo acionam a entrada da empres

Novo Mercado

Os Níveis 1 e 2 e o Novo Mercado são níveis diferenciados de governança corporativa criados pela Bovespa. A cada nível aumentam as exigências de boas práticas de governança corporativa que as empresas precisam cumprir para garantir mais transparência nas informações prestadas pelas companhias e eqüidade nas relações entre investidores minoritários e controladores.

Mesmo operando no mercado de ações desde 1971, foi a partir de 2001 que a WEG reforçou sua atuação na Bolsa de Valores. Naquele ano ela aderiu ao Nível 1 da Bovespa e, desde então, vem dando os passos necessários para chegar ao Novo Mercado. Em 2005 formalizou o departamento de Relações com Investidores. No ano seguinte instituiu o Conselho Fiscal Permanente. Até que, em junho deste ano, completou o processo.

"A WEG já tinha as práticas do Novo Mercado incorporadas na sua atuação. A empresa sempre teve uma governança corporativa muito forte. Agora está apenas formalizando. Então, é uma mudança bastante tranqüila", explica Luis Fernando Moran de Oliveira, gerente de Relações com Investidores. O Novo Mercado traz vantagens para a organização e os acionistas. "Os principais benefícios são a maior exposição da empresa no mercado, maior visibilidade entre os investidores estrangeiros e o reconhecimento das melhores práticas que nós já tínhamos", diz. "A maior liquidez (circulação das ações), com mais visibilidade, beneficia todos os acionistas", acrescenta. A liquidez é a capacidade de comprar ou vender um investimento com o mínimo de esforço, sem afetar seu preço.

As boas práticas de governança corporativa são uma importante proteção para os acionistas. "Desde que ingressei no Conselho, defendi arduamente a entrada da WEG no Novo Mercado. A empresa estava madura para isso. E o mer-

As principais regras d

- *Conversão de todas as ações preferenciais e*
  direito a voto e pagam dividendos. As ações
  preferência na distribuição de dividendos, m
- *Tag Along de 100%. Isso significa que se a*
  minoritários terão as mesmas condições de p
  controladores do capital.
- *Divulgação de demonstrações financeiras de*
- *Conselho de Administração com mínimo de*
  cado de até 2 (dois) anos, permitida a reelei
  to) dos membros deverão ser conselheiros i

onista

ders, diretor
a no Novo Mercado

do premia essa atitude. Os investido-
se sentem mais protegidos, mais pre-
ntes, e isso eleva o valor das ações",
Ana Teresa do Amaral Meirelles, re-
esentante dos acionistas minoritários
Conselho de Administração da WEG.

do Novo Mercado

m ordinárias. As ações ordinárias dão
preferenciais, como diz o nome, dão
nas não têm direito de voto.
a empresa for vendida os acionistas
preço (na venda de suas ações) que os

e acordo com padrões internacionais.
5 (cinco) membros e mandato unifi-
ção. No mínimo, 20% (vinte por cen-
ndependentes.

O desempenho das ações

O desempenho das ações da WEG teve uma grande evolução nos últimos anos. Hoje são realizados, em média, 404 negócios por dia com ações da empresa, movimentando aproximadamente R$ 9,3 milhões diários. Há dois anos, eram 46 negócios e R$ 1,5 milhão por dia. Segundo o presidente da WEG, Décio da Silva, existe a intenção de que, no futuro, as ações da companhia passem a fazer parte da carteira do Ibovespa ou do IBrX-50, o que significa estar entre os papéis mais negociados da Bolsa no Brasil. "São os índices que o mercado mais olha", explica Luis Fernando de Oliveira.

O Ibovespa retrata o comportamento dos principais papéis negociados na Bovespa. As ações integrantes da carteira teórica deste índice respondem por mais de 80% do número de negócios e do volume financeiro negociado na Bovespa. O índice IBrX-50 é composto pelos 50 papéis mais líquidos (mais negociados) da Bovespa. "Para a WEG é importante fazer parte de um destes índices, pois a maior parte dos fundos de investimentos tem um dos dois como referência", defende Oliveira.

POR QUE A WEG ESTÁ NA BOLSA?

- Favorece a perpetuação.
- Estimula a profissionalização da gestão.
- Confere mais visibilidade.
- Exige disciplina de gestão.

"A WEG já encarou a Bolsa como fonte de recursos para investimentos, mas não tem sido esse o foco. Porém, a empresa quer ter essa opção para se, e quando, for necessário", acrescenta Luis Fernando Moran de Oliveira, gerente de Relações com Investidores.

DIVULGAÇÃO

Décio da Silva recebe os cumprimentos do ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, ao receber o prêmio da Agência Estado

O ranking das melhores

A pesquisa para a definição do ranking das melhores para os acionistas usa sete critérios, desenvolvidos pela Economática. De acordo com a equipe da consultoria, os critérios avaliam dados como rentabilidade, relação entre o preço da ação e o lucro obtido pela empresa, retorno do investidor com dividendos, variação das cotações na Bolsa, volatilidade (sobe-e-desce) e liquidez (facilidade de comprar e vender) dos papéis. Outro critério avalia o quanto o mercado está disposto a pagar pelos papéis, calculando a relação entre o preço da ação com relação ao valor patrimonial da ação (P/VPA). Exemplo: Um P/VPA de 80% indica que a empresa vale em Bolsa 80% do valor de seu Patrimônio Líquido.

A Economática fornece um sistema para análise de investimentos em ações que é utilizado por analistas das maiores instituições financeiras do mundo. Ela acompanha o desempenho das ações de 2.170 empresas em oito países das Américas.

Empresa familiar e sucessão

A WEG se preocupa com a adoção de boas práticas de governança corporativa desde sua fundação, em 1961. Por ser uma empresa familiar com três fundadores (Eggon João da Silva, Werner Voigt e Geraldo Werninghaus), já na década de 1970 começou a se preocupar com a sucessão e a separação entre os interesses das famílias e os da empresa.

Em 1985 foi criada uma *holding* para concentrar o capital dos acionistas majoritários (as famílias dos três fundadores). Em 1989 foi feita a sucessão na presidência da empresa, com uma eleição entre os diretores. O processo levou ao cargo Décio da Silva, filho do então presidente Eggon João da Silva, escolhido por ser considerado o executivo mais bem preparado para o cargo.

Conselho de Administração

No mesmo ano foi criado o Conselho de Administração independente, em que nenhum dos membros exerce função executiva na empresa. Afinal, o Conselho tem a função de definir o planejamento estratégico, orientar a diretoria executiva e avaliar a gestão do presidente. Atualmente, o Conselho conta com representantes das famílias dos fundadores, um representante dos acionistas minoritários, Ana Teresa do Amaral Meirelles, e um presidente externo: Nildemar Secches, presidente da Perdigão. O vice-presidente é Edgar Baumer, ex-membro da diretoria da empresa, e o integrante mais recente é Moacyr Rogério Sens, que, aposentado pela WEG no ano passado, foi o primeiro engenheiro da companhia.

"Como representante dos minoritários, minha preocupação é procurar garantir as melhores práticas de governança corporativa e a proteção dos investidores", afirma Ana Teresa.

Todos os membros das três famílias recebem informações e treinamento para desenvolver a mentalidade de acionista. E quem vier a fazer parte do Conselho passa por um programa específico para o cargo. "Todos os familiares dos fundadores da WEG, no decorrer dos últimos 30 anos, tiveram oportunidade de participar de vários encontros, nos quais o tema 'ser acionista' é discutido. Nestas ocasiões, já foram ouvidos professores convidados de destaque nacional nesta área", conta Miriam Voigt Schwartz, sucessora do fundador Werner Voigt no Conselho de Administração.

Governança corporativa

Governança corporativa é a maneira como uma organização se governa em benefício de todos os sócios. É tanto melhor quanto mais justa for a relação entre as partes envolvidas, como acionistas minoritários e controladores. Segundo o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), a expressão é designada para abranger os assuntos relativos ao poder de controle e direção de uma empresa.

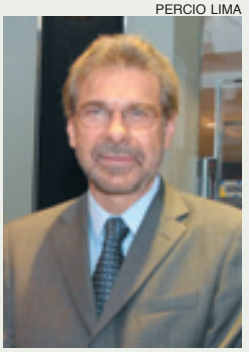
Ela é importante porque, cada vez mais - com o crescimento do número de empresas com ações em Bolsa de Valores -, existe a separação entre quem é dono da empresa (seus acionistas) e quem gere a empresa (a gestão executiva). De acordo com o IBGC, a boa governança proporciona aos proprietários (acionistas ou cotistas) a gestão estratégica de sua empresa e a efetiva monitoração da direção executiva. "A empresa que opta pelas boas práticas de governança corporativa adota como linhas mestras transparência, prestação de contas e eqüidade", afirma o IBGC.

As principais ferramentas que asseguram o controle da propriedade sobre a gestão são o Conselho de Administração, a Auditoria Independente e o Conselho Fiscal.

Segundo a diretora executiva do IBGC, Heloísa Bedicks, têm aumentado a procura e o interesse das empresas familiares pela governança corporativa. Para ela, a principal contribuição da governança corporativa para as empresas familiares é na perpetuidade da família no negócio.

Direção estratégica

PERCIO LIMA



Nildemar Secches, presidente do Conselho de Administração da WEG, afirma que seu principal papel na função é estimular o corpo executivo a buscar novas oportunidades de mercado e dar uma direção estratégica aos negócios. "Outra função diz respeito à preservação da cultura da companhia. No caso de uma empresa como a WEG, é transferir os valores e conhecimento do negócio de seus fundadores para a nova geração de executivos", acrescenta. "Os grandes valores que os fundadores nos legaram foram uma relação extremamente ética e de transparência nos negócios e uma política de tratamento igualitário entre todos os acionistas. Ou seja, eles adotam as melhores práticas de Governança Corporativa mesmo antes da existência do nome e de ser uma demanda do mercado", destaca.

Sintonia de corpo e mente

Quando se fala em equilíbrio, tema desta edição da revista, Nuno Cobra Ribeiro é referência. Pós-graduado em Educação Física pela USP, foi um dos primeiros a tratar de conceitos como a inteligência emocional. É autor do livro "A Semente da Vitória", que ficou por três anos seguidos entre os dez mais vendidos da revista Veja. *Foi preparador físico de atletas como Ayrton Senna e Christian Fittipaldi e de executivos como Abílio Diniz (do grupo Pão de Açúcar). Aqui, ele fala sobre a importância do equilíbrio para o esporte e a vida.*

O senhor defende a tese de que se pode trabalhar a mente e o espírito por meio da atividade física. Como?

É impressionante o efeito da atividade física na nossa saúde física, mental e emocional! É de tal grandeza e de tal importância, que chega a ser uma responsabilidade primária o homem voltar à sua natureza de animal do movimento que ele é. A atividade física está no contexto de nossa vida, com tal força e tal maneira, que se nós não realizarmos esse movimento, que hoje tem que ser feito de forma mais artificial, nós vamos acabar adquirindo um desequilíbrio no nosso organismo, e isso vai promover uma enfermidade. Não é uma questão de gostar ou não, é uma questão de fazer. A atividade física nos eleva espiritualmente, promove um contato muito íntimo com nós mesmos e, principalmente, com a natureza. Ela traz ao homem mais segurança, mais confiança, melhora todos os processos metabólicos, de captação de mais energia dos alimentos, sua absorção e digestão, aumenta as glândulas sudoríparas que irão desintoxicar nosso organismo etc.

É possível levar uma vida equilibrada mesmo com as exigências dos dias de hoje?

Não só é possível como é mais necessário do que antes, pois estar em equilíbrio há 50 anos era bem mais fácil. Hoje em dia a pessoa não têm descanso na mente, pois acaba de um lado, começa do outro. São muitos estímulos, extrema competitividade, exigência e cobranças que não acabam mais. Então, é fundamental que a pessoa busque a atividade física, porque quando você está se ocupando de seu corpo físico descansa o cérebro. É a oportunidade do seu corpo reaver o equilíbrio perdido com tanta tarefa e tanta exigência. Busque momentos de paz, boceje, espreguice-se, relaxe mais, respire! Esteja atento a seu corpo e às suas necessidades, durma mais cedo, alimente-se de maneira leve e equilibrada, fazendo-se uma pessoa melhor para você mesmo e para as pessoas que te cercam.

Quais exercícios o senhor sugere para contribuir para o equilíbrio físico e emocional?

Exercícios em barra fixa, paralelas, corrida e caminhada, de acordo com o momento cardiovascular de cada um, além de relaxamento e meditação.

O senhor tem uma teoria chamada Teoria dos Sacos. Como ela influencia o equilíbrio emocional das pessoas?

Essa teoria eu criei percebendo o comportamento das pessoas. Deus, quando nos criou, nos deu dois recipientes: um é onde colocamos as coisas boas que nos acontecem, as chamadas positividades, e no outro colocamos aqueles momentos que ficaram acentuados em nós, nossas falhas, o nosso lado ruim, a que chamamos de negatividade. Como a nossa sociedade contribui mais para destruir do que construir o indivíduo, acentuando seus erros, o saco da negatividade vai se enchendo muito. Devido a isso, os pais devem sempre exaltar os pontos positivos dos filhos, preenchendo o saco de positividades. Nunca exaltar os pontos negativos de cada um, pois a vida já se encarrega de encher o saco de negatividades. Quando cada saco se enche, ele vaza para sua vida.

Como diminuir a pressão e a preocupação na hora de enfrentar os desafios como uma competição importante?

O estado de relaxamento é essencial quando praticamos uma atividade esportiva, já que a questão mental é o que diferencia o campeão. O diferencial será seu equilíbrio emocional, sua autoconfiança e sua capacidade mental. Em qualquer esporte, o poder de não pensar, de apenas deixar fluir a habilidade motora é essencial, pois o pensamento traz dúvida, medo, insegurança, inibindo e travando o movimento espontâneo. O atleta pleno entra em um estado de quase transe, um estado mental diferenciado de grande concentração e baixa ansiedade. É sob este estado que os atletas realizam aqueles lances espetaculares. É claro que a resistência e a habilidade física também são essenciais ao campeão. Porém, entre estes três fatores essenciais, o mental, o físico e o técnico, o primeiro é o que faz a maior diferença.

naWEG + No site da WEG você encontra mais um trecho da entrevista. Acesse www.weg.net, clique em WEG EM REVISTA

ANDRÉ KOPSCH

Equilibrar p

Junho deste ano, Circuito Mare Nostrum de natação, etapa de Barcelona, na Espanha. Vários nadadores brasileiros participam em preparação para os XV Jogos Pan-Americanos. Felipe Lima, de Cuiabá, sente uma contratura muscular na coxa, logo na primeira prova, por excesso de esforço. No lugar dele, o que você faria?

a) Abandonaria a competição.

b) Completaria a prova e, depois de descanso e fisioterapia, continuaria competindo. Afinal, é a preparação para o Pan.

c) Se esforçaria para vencer a etapa.

Para ajudar na sua decisão, veja as lições de alguns atletas que vão competir no Pan-Americano deste ano e a importância de um princípio universal na natureza: o equilíbrio.

Concentração

Samuel Leandro Lopes, de Jaraguá do Sul/SC, cidade-sede da WEG, vai disputar o tiro esportivo na modalidade carabina deitado. Isso significa mirar cada tiro no centro de um pequeno alvo colocado a 50 metros de distância. É preciso ser um mestre em concentração: corpo e mente em equilíbrio e focados num só objetivo. Ele ensina que o segredo está no autocontrole, que envolve atenção a cada detalhe.

"Há vários fatores que você precisa controlar: a respiração, os braços, o dedo no gatilho, o olho no alvo e na mira, as pernas", relata. "Com a prática exaustiva, esse controle se torna inconsciente. É o que faz com que o equilíbrio corpo e mente seja cada vez mais natural", afirma. Há de se pensar ainda nas condições adversas. Samuel competiu nos Estados Unidos sob temperaturas de 1 a 2 graus centígrados. E não podia permitir que o corpo tremesse de frio na hora de atirar. "No final da prova, eu já não conseguia mais controlar os espasmos. Mas o controle está na mente. Eu ficava repetindo pra mim mesmo: o frio está na perna, não no braço", relembra. Samuel detém o recorde brasileiro da modalidade.

Talento em prol do conjunto

Como equilibrar o jogo de um time repleto de talentos e, por outro lado, caracterizado justamente pelo jogo de equipe? "Com muito treino, distribuição de jogadas e um grupo homogêneo, sem que alguém se sobressaia." A fórmula do equilíbrio é dada por Fofão, levantadora e capitã da Seleção Brasileira de Vôlei. O time, hoje, é considerado um dos melhores do mundo e favorito em qualquer competição de que participe. Esta posição, para a capitã

ara vencer

ANDRÉ KOPSCH

Fofão, se deve justamente ao equilíbrio existente no grupo: "Todas as jogadoras estão preparadas para entrar a qualquer momento, formando um time de 12 titulares", compara. Por isso, a expectativa quanto à participação nos Jogos Pan-Americanos é a melhor possível: "Estamos conscientes das dificuldades que enfrentaremos nos Jogos, mas apostamos no grupo equilibrado para alcançar um bom resultado".

Esforço e cuidado

Como manter o equilíbrio entre o esforço para obter um alto rendimento e o cuidado para não exagerar e acabar com uma contusão séria? É a linha que separa a persistência da teimosia. O maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, forte concorrente ao ouro no Pan, explica: "Esse equilíbrio só se alcança com disciplina e com o trabalho de equipe multidisciplinar: você tem que saber ouvir seu corpo, mas também seu técnico, seu médico, seu fisioterapeuta, seu nutricionista, e por aí vai", afirma.

Vanderlei deu uma lição de equilíbrio emocional ao Brasil nas Olimpíadas de Atenas, em 2004. Ele liderava a prova e tinha todas as chances de vencer, quando foi agarrado por um manifestante escocês que invadiu a pista. Em alguns segundos, o atleta venceu a frustração e a quebra da concentração e continuou na prova, chegando em terceiro. Da próxima vez em que você sentir que alguém "atrapalhou a sua corrida", lembre do Vanderlei.

Fazer escolhas

Querer ganhar todas é receita para o desequilíbrio. Às vezes, a chance da vitória está em saber qual é a prioridade e fazer escolhas, abrir mão de algumas coisas para focar todos os seus esforços no objetivo principal. Felipe Lima, único representante de Mato Grosso no Pan, primeiro lugar no ranking brasileiro dos 50 e 100 metros peito, só tem 22 anos, e já é professor no assunto. Ao sofrer a contratura muscular na coxa, decidiu largar a competição, em vez de insistir. "Não quis arriscar", ensina. Agora, Felipe está preparado para o Pan, com a coxa muito bem, obrigado. E ainda faz fisioterapia todos os dias, como prevenção.

WANDER LIMA - OFICINA DA IMAGEM

O atleta tem também um segredo para se preparar emocionalmente para as provas. "Eu faço a visualização do que eu quero. Vejo toda a prova na minha cabeça, até a vitória e o pódio. Quando chega a hora é só entrar e fazer o que você já treinou, mostrar o que quer", explica. "Tem que estar bem consigo mesmo, focado e não pensar negativamente", acrescenta.

WASHINGTON ALVES/COB

A WEG no Pan

Na água ou no solo, em competição ou na infra-estrutura, a marca WEG está presente nestes Jogos Pan-Americanos. Produtos WEG estão aplicados em elevadores na Vila Olímpica, veículos de turismo e equipamentos de competição.

DIVULGAÇÃO

Veleiro com tintas WEG

A qualidade das tintas WEG está nas águas dos Pan-Americanos, aplicada num catamarã utilizado como barco de apoio às competições de vela. A comandante deste barco é a velejadora Adriana Kostiw, atleta olímpica brasileira, recordista sul-americana e forte candidata à medalha de ouro na classe laser nestes Jogos.

O veleiro de 30 pés foi construído em Fortaleza/CE, e está sendo apresentado ao mercado Rio-São Paulo. Além de ser utilizado no apoio aos Jogos Pan-Americanos, o barco vai participar da Regata Ilha de Caras em Angra dos Reis, da Regata Santos/Rio e da Semana de Vela de Ilhabella. Também será utilizado para treinamento, eventos empresariais, aulas de vela e vivência a bordo.

O negócio foi fechado na revenda paulista Náutica Tintas, que também fez o acompanhamento da pintura. As tintas utilizadas são de alta performance e oferecem resistência e durabilidade, além de não agredir o meio ambiente.

RUMO AO OURO

DIVULGAÇÃO/ZDL

A paulistana Adriana Kostiw cresceu na beira da represa de Guarapiranga/SP, onde ela via o avô nadar todas as manhãs. Começou a praticar esportes a vela aos 9 anos de idade, quando seu pai a ensinou a velejar de windsurfe.

Mais tarde passou a competir, escolhendo a classe Europa. Acabou trocando para a classe 470, especialmente para competir na Olimpíada de Atenas. Em 2003, em parceria com Fernanda Oliveira, classificou-se em 13º lugar no Mundial da Croácia, garantindo vaga para a Olimpíada, onde ficaram em 17º lugar. Em março deste ano, a dupla venceu a seletiva nacional classificatória para o Pan.

Entre os muitos títulos de Adriana, destacam-se: pentacampeã paulista, pentacampeã pré-olímpica, vice-campeã brasileira, bicampeã sul-brasileira, campeã sul-americana e tricampeã da Semana de Vela do Rio de Janeiro...

Passeio pelo passado

Além de marcar presença nas competições, a bordo do catamarã de Adriana Kostiw, a WEG está presente na infra-estrutura turística do Rio de Janeiro. A empresa participa da modernização de uma das principais atrações turísticas da cidade, o bonde de Santa Teresa, fornecendo produtos para o novo sistema de tração elétrica dos bondes. Os 15 veículos da frota serão equipados com motores elétricos de indução e inversor de freqüência da WEG.

A tração elétrica total ou parcial é uma alternativa mais eficiente e ecologicamente correta, na avaliação do gerente de Projetos e Engenharia de Automação da WEG, Valter Luiz Knihs. "Temos inúmeros projetos em andamento e vários fornecimentos de equipamentos e soluções para locomotivas, carros, ônibus e navios em plena operação", acrescenta Knihs.

Entre estes projetos está um ônibus movido a hidrogênio (célula de combustível), em parceria com a montadora Busscar, de Joinville/SC, e o Instituto de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O bonde de Santa Teresa

Os famosos bondes do bairro carioca de Santa Teresa começaram a circular no século XIX, movidos a tração animal. Posteriormente passaram a utilizar energia elétrica. Eles transportam turistas e moradores para um passeio na cidade, que começa no Centro do Rio, no Largo da Carioca, passa sobre os Arcos da Lapa e segue a rota do tempo no sobe-e-desce das famosas ladeiras de Santa Teresa. As ruas estreitas e sinuosas por onde passam os bondes - os únicos que ainda circulam em todo o Brasil - são mais uma peculiar atração do bairro.

Elevadores na Vila do Pan

Inversores CFW-10 e MPW da WEG estão instalados nos elevadores dos prédios da Vila Olímpica do Pan-Americano. Os elevadores são fabricados pela ThyssenKrupp e os produtos WEG são aplicados nos operadores de portas e no acionamento da tração.

naWEG + Saiba quais produtos foram aplicados na pintura do catamarã usado como barco de apoio nos Jogos Pan-Americanos, e conheça as características de cada linha. Acesse www.weg.net e clique em WEG em Revista.

Inclusão digital: aperte esta tecla

DREAMSTIME

Ao longo do ano, a WEG deve trocar mais de 400 de seus computadores a fim de atender aos requisitos do novo sistema de gerenciamento de informações e processos do Grupo. Para promover o reaproveitamento destes equipamentos, a WEG criou o projeto Inclusão Digital em parceria com as secretarias de Educação estadual e municipal. Na primeira etapa do projeto, 278 computadores serão distribuídos, beneficiando cerca de 21 mil alunos da rede pública de Jaraguá do Sul/SC, cidade-sede da empresa. Escolas nos municípios onde a WEG tem filiais (Blumenau, Guaramirim, São Bernardo do Campo, Guarulhos e São Paulo) e as da rede pública das demais cidades da microrregião de Jaraguá também recebem computadores. *27/06*

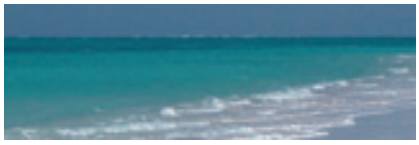
Segurança e confiabilidade

Lançada na maior feira de elétrica da América Latina (FIEE), a nova linha de Motores WEG à Prova de Explosão ajuda na movimentação de cargas de risco na área petroquímica. Segundo Tiago Mengarda, analista de vendas técnicas da WEG, a linha Motofreio à Prova de Explosão apresenta características próprias para operar em áreas de risco que necessitam de frenagens rápidas. "O equipamento possui grau de proteção IPW66, exclusivo sistema de vedação W3SEAL e isolamento WISE (WEG Insulation System Evolution)", enfatiza. *13/06*

Alimentos 100% protegidos

A luta contra a contaminação de fungos e bactérias é um dos maiores desafios que a indústria alimentícia enfrenta no Brasil. Cabe também ao produtor se responsabilizar pelo transporte das mercadorias até o destino. Pensando num aliado para as empresas de transportes, a WEG Tintas criou um sistema de revestimento antimicrobiano. Adequadas para os segmentos de saúde e alimentação, as tintas NobaC inibem a proliferação de fungos e bactérias, além de oferecer uma superfície uniforme de alta resistência química e fácil limpeza. *13/06*

Eficiência garantida na praia



A WEG fechou um fornecimento de dois conjuntos WMagnet System + Inversor de Freqüência com a Habitasul Empreendimentos Imobiliários, empresa responsável pelo abastecimento de água de Jurerê Internacional.

Especialmente desenvolvido para aplicações que exigem alto rendimento, peso e volume reduzidos, torque suave e baixo nível de vibração e ruído, o WMagnet Drive System vai atuar no acionamento de bombas centrífugas de água do sistema de saneamento de uma das praias mais movimentadas de Florianópolis. *20/06*

WEG Tintas no Coatings Care

A unidade de tintas da WEG é a sétima empresa do Brasil a aderir ao programa Coatings Care, que auxilia os fabricantes da indústria de tintas a administrar suas responsabilidades em relação a saúde, segurança e cuidados com o meio ambiente.

Mais de 600 indústrias ao redor do planeta já aderiram ao Coatings Care, considerado o mais importante programa de conscientização e compromisso que os agentes de toda a cadeia produtiva de tintas podem assumir em âmbito mundial. *02/07*

Mário Persona

Minha vida esportiva

Não me lembro do que possa ter despertado em mim a vontade de praticar esportes. Será que foi o presente que alguém me deu no aniversário, um par de raquetes de pingue-pongue, com rede e bolinha? Talvez. Como não tinha mesa, aquilo só serviu para me deixar com vontade de jogar.

Mas antes de jogar pingue-pongue virtual eu já tinha ingressado a contragosto no mundo das artes marciais, por insistência de minha mãe. Ela achava que pagar aulas de judô para eu apanhar de meninos maiores ajudaria na formação de meu caráter, e me inscreveu na mesma academia do coleguinha do grupo escolar que eu odiava e que mais tarde se tornaria traficante.

Desisti do judô antes mesmo de pedir à minha mãe para costurar um zíper na blusa de meu quimono, a qual insistia em ficar aberta. Alguém sempre me derrubava antes de eu terminar de dar o nó na faixa branca. Mas não foi esse o motivo, e sim descobrir que os meninos de faixa mais colorida que a minha acabavam brigando na rua no velho estilo irlandês de socos e pontapés.

Como eu era do tipo que vivia mergulhado nos pensamentos, aos onze anos decidi tentar natação. Aquilo rendeu as três únicas medalhas que ganhei honestamente. Além disso, nadar fez bem para minha auto-estima. Para quem aos dois anos de idade se afogou no lava-pés da piscina de um hotel, o simples fato de não precisar ser ressuscitado cada vez que saía da água já era uma prova de superação.

A quarta medalha veio em um torneio de xadrez organizado por um primo com dificuldade para completar a grade de participantes. Após duas aulas eu tinha aprendido que, no xadrez, o peão vai à pé porque não confia no cavalo, que vive dando guinadas. Estava pronto para competir. Meu primeiro adversário faltou, o segundo não veio, o terceiro ficou doente e o quarto... Bem, o quarto veio e ganhei dele.

Era um velhinho senil, íntimo da rainha, com quem conversava o jogo inteiro. Em voz alta, dizia a ela tudo o que pretendia fazer e o que eu faria em seguida. Fui seguindo suas instruções e venci, depois de ouvir como eu poderia levá-lo a um xeque-mate. Minha sorte levou-me a disputar o terceiro lugar, quando finalmente fui derrotado. Como meu primo tinha comprado uma medalha a mais, fiquei em quarto lugar.

Se não fosse pelo incentivo e pela insistência de pais, amigos e professores eu teria ficado longe dos esportes. Tive até um professor que se recusou a aceitar o atestado médico que arranjei com uma colega para escapar da educação física. Ele não abriu mão de minha presença na quadra e ainda deu bronca em minha colega, filha de um conhecido ginecologista.

Até com fisiculturismo eu me envolvi, achando que bastava comprar e ler o curso do Mr. América para ficar daquele jeito, cheio de bolotas pelo corpo. Eu ainda não sabia que nos esportes e na vida nada acontece sem investimento, equilíbrio e constância. Por querer resultados rápidos, vivia pulando de um extremo ao outro, sem paciência para esperar pelos resultados.

Essa minha característica de pular de um extremo ao outro deve ter sido o que levou os meninos do bairro a me convidarem para jogar no gol. Ou talvez por ser eu o único que tinha uma bola de capotão? Não sei. O que sei é que eles eram muito prestativos. Iam até minha casa para avisar que o jogo iria começar e pacientemente indicavam o lugar exato onde eu deveria ficar no gol. Atrás do goleiro.

evolução

A WEG é especialista no fornecimento de soluções eletroeletrônicas industriais completas; por isso, dedica especial atenção a cada um dos seus produtos, tornando-os cada vez mais sinérgicos e competitivos tecnologicamente num processo de evolução constante.

Soluções WEG: muito mais automação, energia, motores e tintas para a indústria

www.weg.net